

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Sônia Cristina Vaz Sayão de Paula

**PROCESSO DA LEITURA: DA DECODIFICAÇÃO
À INTERAÇÃO**

Belo Horizonte
2010

Sônia Cristina Vaz Sayão de Paula

PROCESSO DA LEITURA: DA DECODIFICAÇÃO À INTERAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): Lúcia Fernanda Pinheiro Barros

Belo Horizonte
2010

P324p
T Paula, Sônia Cristina Vaz Sayão de.
Processo da leitura : da decodificação à interação / Sônia
Cristina Vaz Sayão de Paula. - UFMG/FaE, 2010.
34 f., enc, il.

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização
apresentado como requisito parcial para obtenção de título de
Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-
graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica da
Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas
Gerais.

Orientadora : Lúcia Fernanda Pinheiro Barros.

Bibliografia : f. 28-29.

Anexos : f. 30-34.

1. Educação -- Teses. 2. Leitura -- Estudo e ensino --
Teses. 3. Alfabetização -- Teses.

I. Título. II. Barros, Lúcia Fernanda Pinheiro. III.
Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 372.4

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG

Sônia Cristina Vaz Sayão de Paula

**PROCESSO DA LEITURA: DA DECODIFICAÇÃO
À INTERAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): Lúcia Fernanda
Pinheiro Barros

Aprovado em 11 de dezembro de 2010

BANCA EXAMINADORA

Lúcia Fernanda Pinheiro Barros – FAE - UFMG

Míria Gomes – FAE - UFMG

Antes mesmo de aprender a ler e escrever, palavras e frases, já estamos “lendo”, bem ou mal, o mundo que nos cerca. Mas este conhecimento que ganhamos de nossa prática não basta. “Precisamos ir além dele. Precisamos conhecer melhor as coisas que já conhecemos e conhecer outras que ainda não conhecemos...”

*Paulo Freire.
(1982)*

RESUMO

O Presente trabalho aborda um dos maiores problemas enfrentados atualmente na escola relacionado à leitura e sua complexidade. Nos estudos recentes ler de fato significa conceber a leitura para além da decodificação concebendo-a como interação entre texto e leitor. Através do paralelo feito entre o ensino de antigamente e o ensino atual faz-se necessário rever as atividades de ensino de leitura e promover ações que desenvolvam habilidades e atitudes para formar leitores competentes.

Palavras- Chave: Leitura, processo, interação.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
2.1. NOVOS OLHARES E DESAFIOS.....	10
2.2. LEITURA: DA DECODIFICAÇÃO À INTERAÇÃO.....	13
2.3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRÁTICA DE LEITURA.....	15
3. OBJETIVOS	18
3.1.OBJETIVO GERAL	18
3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	18
4. METODOLOGICA	19
4.1.MATERIAIS UTILIZADOS.....	20
4.2. PROCEDIMENTOS DA AÇÃO.....	20
4.3. REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE	21
4.4. RESULTADO DA AÇÃO	25
4.5. AVALIAÇÃO DA AÇÃO	25
5. CONCLUSÃO	26
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28
ANEXOS	30

1. INTRODUÇÃO

Um dos maiores problemas enfrentados na escola, atualmente, está relacionado à leitura. Podemos notar que, as crianças e jovens, na maioria dos casos, não se interessam por essa atividade e segundo o Ministério da Educação e Cultura (MEC), 91% dos alunos terminam o ensino fundamental abaixo do nível esperado. As avaliações sistêmicas, nas quais os alunos foram submetidos nos últimos anos, comprovam e apontam deficiências encontradas no que se refere à compreensão de leitura altamente insuficiente.

Ao fazer um estudo sobre o processo de leitura, Delaine Cafieiro (2005) aponta que, o problema central é o que diz respeito ao processo de leitura após a decodificação, isto é, depois que o leitor consegue decifrar o código escrito (juntando as letras e sílabas para formar palavras ou as palavras para formar frases), mas não consegue compreender o que lê. Isso quer dizer que, a escola não sabe como desenvolver habilidades de textos escritos depois da alfabetização. Somente poucas e a mais básica das capacidades de leitura têm sido ensinadas e cobradas pela escola e as capacidades envolvidas nas práticas letradas exigidas pela sociedade moderna são ignoradas ou pouco desenvolvidas.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, Língua Portuguesa (1997, pág.54):

Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente.

Baseado nesses objetivos é preciso entender que a prática pedagógica para se trabalhar a leitura e a escrita devem ser significativas e não podem se restringir apenas a decodificar (ler) e codificar (escrever). É necessário ativar e desenvolver diferentes habilidades e ir além da discriminação de letra. Isso implica necessariamente na compreensão a qual exigem habilidades que comecem a ser desenvolvidas antes da leitura propriamente dita.

De acordo com Cafieiro (2005), a leitura é definida a partir da concepção que a considera como processo de construção de sentidos. Portanto, a leitura não é apenas a decodificação de signos de linguagem, mas a construção de sentidos

idealizados por um leitor com o texto, com o autor e com o conhecimento que cada um traz sobre o assunto.

Ler, de fato, significa conceber a leitura para além da decodificação, é entendê-la como interação entre leitor e texto. O ato de ler não pode tornar-se um ato mecânico sem nenhuma ligação com o mundo fora da escola, devendo ser exatamente o contrário. “Aprende-se a ler na escola para que o sujeito possa ler o mundo”, conforme afirma Paulo Freire (1982). Dessa forma, a leitura não pode ser apenas a decodificação de palavras, ela deve fazer parte do universo humano e ser uma prática que ultrapasse os limites da escola.

Para Magda Soares (1998), não basta à alfabetização, é preciso atingir o letramento que pode assim ser definido:

Letramento é estado ou condição de quem não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com as práticas sociais e de interação social.

Baseado na definição de Letramento, Cafieiro acrescenta que as novas exigências que a sociedade moderna tem apresentado para as escolas, é necessário formar cada vez melhor seus alunos. É preciso torná-los cada vez mais capazes de usar a leitura e a escrita em suas práticas sociais e, não somente escolares.

As práticas de Letramento devem ser ampliadas e diversificadas, porque a leitura traz grandes benefícios às pessoas. Ela permite que o ser humano estabeleça grandes relações e construa sentidos mais amplos, que possibilitem compreender melhor o mundo em que vive para poder se situar nele.

Diante das novas exigências é necessário que o ensino da leitura possibilite ao aluno sentir-se parte do processo, sentir-se sujeito transformador. Kleiman (1993) afirma que, quando os professores entendem a decodificação não como uma etapa de leitura, todas as atividades que poderiam levar o aluno a se tornar um aluno competente ficam comprometidas, visto que as atividades voltadas para o texto se tornem atividades mecânicas, que requerem somente que o aluno decodifique, identifique partes do texto, complete lacunas e uma série de automatismo que, exige apenas que o aluno leia superficialmente o texto para identificar as respostas. Para a autora, esse é o tipo de leitura que não contribui para

alterar a visão de mundo do aluno, nem tampouco se torna capaz de intervir na sociedade que é o maior objetivo da leitura.

É preciso possuir, entre outras a habilidade de ler, a fim de compreender para aprender a usar textos presentes no dia-a-dia. A partir disso, a alfabetização se insere no contexto de práticas sociais para que esta ocorra numa perspectiva do letramento.

De acordo com Soares (1999), letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto, onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno. Para a autora, a prática de leitura e escrita deve possibilitar que o aluno crie condições de utilizar a língua de forma eficiente e crítica, de acordo com as diversas situações sociais em que se insere, além de propiciar a ele uma reflexão sobre as relações humanas. Deve possibilitar também, a formação de um leitor capaz de compreender e atribuir significados ao que lê, e que consiga a partir disso, estabelecer relações com outros textos lidos.

A escola juntamente com os professores, precisa criar condições para possibilitar aos alunos a interação com o texto, por meio do acesso a vários materiais que circulam na sociedade.

Para o sucesso da escolarização é significativamente relevante compreender o que é a leitura e sua complexidade, como se dá o processo de compreensão no ato da leitura e que habilidade precisa ter um leitor para ser considerado competente, aponta Cafieiro (2005).

Ensinar a ler, consiste na ampliação da capacidade de letramento, pois envolve uma série de estratégias que precisam ser desenvolvidas nas práticas letradas exigidas pela sociedade atual. Atualmente, o ato de ler, se insere em um contexto social, na interação entre texto e leitor, na interação de um texto e outro, de modo que, a partir disso, forma-se um aluno/leitor crítico, capaz de construir suas próprias concepções.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. NOVOS OLHARES E DASAFIOS

Um dos grandes desafios da escola atualmente é ensinar os alunos a ler e compreender o que lêem, ou seja, formar leitores suficientemente competentes, uma vez que tais fatores sejam fundamentais para que eles sejam inseridos na sociedade.

O problema enfrentado no ensino da leitura tem favorecido o fracasso na formação de leitores competentes que leva ao retrocesso geral dos alunos em todas as séries.

A grande maioria desses alunos tem chegado às universidades sem ter desenvolvido as habilidades necessárias para desenvolver a compreensão de um texto. As práticas didáticas de leitura no letramento escolar desenvolvem apenas uma pequena parcela das capacidades envolvidas nas práticas letradas na sociedade atual. Essas práticas limitam-se ao processo de repetição, memorização, localização de informações explícitas no texto e cópias o que, na verdade, não contribui de fato para a formação de um leitor ativo, o qual possui a capacidade de desenvolver um raciocínio crítico e reflexivo. Tais práticas limitadoras, apenas fazem com que o aluno reproduza mecanicamente aquilo que lê, ao invés de formar opiniões e desenvolver reflexões e dialogar com o texto.

Segundo Cafieiro (2005), para criar condições que desenvolvam novas práticas com relação à aprendizagem da leitura, é necessário buscar respostas para as questões com as quais nos deparamos no dia-a-dia em sala de aula: o que é leitura, que habilidades de leitura precisa ter um leitor para ser considerado competente, como identificar se o aluno sabe ler e compreender, como continuar ensinando a ler quem já se alfabetizou e, como ajudar o aluno a compreender bem os diversos textos que circulam na sociedade.

Ao fazer um paralelo entre o ensino de antigamente e o ensino atual, foi possível perceber as mudanças ocorridas no que se refere à compreensão da leitura e a formação do leitor.

Tradicionalmente nas escolas, a leitura consistia num processo mecânico de decodificação de palavras e frase cujos sentidos estariam prontos no texto. Desse modo, a leitura estava associada apenas a um processo visual e superficial, isto é, acreditava-se que os textos apresentavam uma única interpretação. A leitura e a

interpretação de textos não estavam relacionadas a um processo reflexivo e construtivo, mas a um processo restrito capaz de criar um leitor passivo, acrítico, a qual era apenas um receptor de mensagem de texto.

Com a chegada do termo Letramento, o conceito de alfabetização foi se ampliando e as exigências da sociedade moderna, vem apresentando para a escola, o desafio de formar cada vez mais seus alunos, como leitores ativos e críticos.

O aparecimento das teorias de letramento proporciona não apenas a apropriação e o conhecimento do alfabeto, mas a apropriação de práticas sociais de leitura e de escrita e, naturalmente das capacidades nela desenvolvidas. Soares (1998) aponta que:

À medida que o analfabetismo vem sendo superado, que um número cada vez maior de pessoas aprende a ler e a escrever, e à medida que, concomitantemente, a sociedade vai se tornando cada vez mais centrada na escrita (cada vez mais grafocêntrica), um novo fenômeno se evidencia: não basta aprender a ler e a escrever. As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática de leitura e escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com práticas sociais de escrita.

No processo de aquisição da leitura e da escrita, não se pode ignorar a complexidade do processo de alfabetização bem como as variações que nele interferem. Atualmente, mesmo com a chegada do letramento, frequentemente são observadas na escola, práticas de ensino de leitura e escrita fundamentadas em concepções de ensino, que consideram a aprendizagem da língua escrita, como uma habilidade mecânica de decifração do texto e domínio de uma técnica na qual se restringem apenas a decodificação e codificação de sons e letras.

Compreender em que consiste o ato de ler também é um requisito necessário para que o professor possa direcionar seu trabalho com mais confiança. Sobre isso Comentam Colomer e Camps (2002):

(...) ler, mais do que um ato mecânico de decifração de signos gráficos, é antes de tudo um ato de raciocínio, já que se trata de saber orientar uma série de raciocínios no sentido da construção da mensagem escrita a partir da informação proporcionada pelo texto e pelos conhecimentos do leitor e, ao mesmo tempo, iniciar outra série de raciocínios para controlar o progresso dessa interpretação de tal forma que se possam detectar as possíveis incompreensões produzidas durante a leitura.

Dessa forma, o ensino da leitura não pode ser considerado como apenas ensinar o código escrito, mas levar a refletir sobre o funcionamento e a estrutura da língua em suas modalidades orais e escritas, em que os textos se materializam, textos com os quais os alunos convivem. É importante que, o leitor se baseie em seus conhecimentos para interpretar o texto, para extrair significado, permitindo-lhe criar, modificar, elaborar e incorporar novos conhecimentos para que saiba como utilizá-los.

Com isso, pode-se dizer que o processo de leitura se expandiu em direção a uma visão mais interativa, dialógica e dinâmica, uma vez que requer que o leitor tenha a capacidade de desvendar as mensagens contidas no texto, e por meio delas ele possa ter capacidade de agir como alguém que reproduz aquilo que lê, mas alguém que lê, entende o que é lido e cria algo novo a partir da leitura.

Segundo Kleiman (2004), a leitura é uma atividade complexa devido aos múltiplos processos cognitivos utilizados pelo leitor ao consultar o sentido de um texto, já que ela não se dá linearmente, de maneira cumulativa, em que a soma do significado das palavras constituiria o significado do texto.

A leitura corresponde a um ato de compreensão, ou seja, a uma busca daquilo que o texto pode significar. Para que a leitura seja possível há necessidade de se compreender nos símbolos ou letras a significação por elas representada, ou seja, a relação entre símbolos (significantes) e aquilo que eles simbolizam (significado). Assim, uma criança que seja capaz apenas de decodificar, simplesmente pronunciando as palavras sem alcançar o entendimento nelas contidas, não pode ser considerada como alguém que realmente lê. O ato de leitura, portanto, ultrapassa a simples pronúncia, mesmo que correta das palavras envolve outras capacidades, afirma Zorzi (2005).

2.2. LEITURA: DA DECODIFICAÇÃO À INTERAÇÃO

Os problemas na compreensão da leitura constituem em um obstáculo à aprendizagem dos alunos, pois ela não se restringe apenas a decodificação. O ato de decodificar um texto é apenas uma das habilidades utilizadas no processo de alfabetização, e se relacionam à fase inicial da aprendizagem da leitura. Diante disso, a decodificação não garante que o aluno tenha aprendido a ler, é preciso desenvolver outras habilidades.

Foucambert (1994) defendeu que a atividade de leitura não se restringe letra/som, mas o extrapola. Nesse caso, a leitura é considerada uma atividade complexa e o processo de aprender, consiste em adquirir uma série de habilidades compostas por múltiplos processos interdependentes, que vai além das palavras ou informação visual.

A falta de domínio dessas habilidades de leitura e escrita ainda é marcante na sociedade brasileira. A leitura como instrumento de aquisição de conhecimento, precisa estar presente na vida escolar e cotidiana dos alunos. Através dela, podemos desenvolver a escrita e a oralidade e, como consequência, à comunicação e o relacionamento entre as pessoas tornar-se mais harmônico e agradável.

Roxane Rojo (2004) afirma que “a maior parcela de nossa população, embora hoje possa estudar, não chega a ler. A escolarização, no caso da sociedade brasileira, não leva à formação de leitores e produtores de textos proficientes e eficazes, e às vezes chega mesmo a impedi-la.”

O fato ocorre devido à falta de desenvolvimento das práticas de leitura no letramento escolar, que envolve uma pequena parcela das capacidades envolvidas, nas práticas letradas exigidas na sociedade abrangente. Uma das grandes habilidades a ser desenvolvida no domínio da leitura e da escrita, tão necessária a formação sistematizada para o exercício da cidadania.

A leitura precisa ir além de uma simples ação de significado, centrado na decodificação, sem produção de sentido, utilizando textos e atividades com pouca ou quase nenhuma aplicação prática. Para Rojo (2004), “ser letrado e ler na vida e na cidadania é muito mais do que isso.” Os alunos precisam compreender os diversos usos e funções da leitura e da escrita, para construir possibilidades de reflexão sobre o mundo e interagir.

Isso nos leva a crer que, durante a leitura vários níveis de conhecimento são acionados. O leitor utiliza na leitura, o que ele já sabe, o conhecimento prévio adquirido ao longo de sua vida. A interatividade age como um diálogo entre texto e leitor, fazendo com que ele construa determinadas concepções, incutidas em sua vida. Através desse processo de interação proporcionado pela leitura é que se constrói o leitor ativo. E por conter um sentido polissêmico, o texto proporciona aprimoramento no ato de ler. O fato de um texto ter um sentido polissêmico demonstra que, a partir da leitura pode-se fazer várias inferências, em várias interpretações, de modo que faça o aluno desvendar, pensar sobre cada mensagem contida em um texto.

Ao definir leitura, Kleiman (2009) considera-a como um processo interativo e reitera a relevância de alguns conhecimentos prévios do leitor: os lingüísticos, que correspondem ao vocabulário e regras da língua e seu uso: os textuais, que englobam o conjunto de noções e conceitos sobre o texto, e os de mundo que correspondem ao acervo pessoal do leitor. Quando a compreensão de texto é alcançada, esses diversos tipos de conhecimento estão em interação. Logo, percebemos que a leitura é um processo interativo.

Partindo da bagagem cultural e cognitiva do educando, e de sua realidade social, é possível proporcionar a ele a interação com a informação presente no texto para chegar à compreensão.

Para nos orientar melhor, recorreremos à definição de leitura de Soares (2000), no presente artigo:

Leitura não é esse ato solitário: é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; O autor, seu universo, seu lugar na estrutura social, nas relações com o mundo e os outros. (Soares, 2000, pág.18).

A prática de leitura se faz presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a “compreender” o mundo a nossa volta. Ela é um processo dinâmico social, resultado da interação entre o texto, o leitor e o mundo, pois é por meio da interação que o leitor se insere no processo social e se insere num mundo crítico, fazendo-o se tornar um agente modificador de sua realidade. A leitura deve

ser entendida como processo e não como produto, pois o texto “não traz tudo pronto para o leitor receber de modo passivo” Nunes (2002).

Concluindo, a leitura como prática social é sempre um meio, nunca um fim. Ler é resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal de desvendar o indizível, o implícito dentro de um texto.

Um leitor ativo é aquele que busca sempre ir além daquilo que está escrito e explícito num texto. Cada mensagem lida é um impacto, é uma descoberta, um modo de torná-lo sujeito de seu mundo.

2.3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRÁTICA DE LEITURA

A leitura enquanto prática social vem sendo estudada por diversas áreas do conhecimento e, no desenvolvimento de pesquisas e estudos sobre o ato de ler, muitas outras capacidades nele envolvidas foram sendo apontadas e reveladas. No entanto, a instituição escolar, de maneira geral, tem realizado um trabalho de leitura centrado apenas na decodificação, com um modelo de ensino onde os alunos não conseguem avançar no domínio da competência leitora.

Uma pesquisa realizada por Zorzi (2002) voltada para o estudo da formação de atitudes e hábitos de leitura, em alunos das quatro séries iniciais do primeiro grau, confirma que as atividades escolares destinadas a desenvolver leitores não parecem estar sendo realmente efetivas. E, para agravar a situação, alunos que não sejam considerados portadores de dificuldades, estão apresentados em sua maioria, um baixo rendimento envolvendo principalmente o domínio da leitura e escrita.

É preciso considerar que, existe um sério comprometimento nas práticas de ensino, em outras palavras, a escola não está conseguindo cumprir seu mais antigo papel: ensinar a ler e escrever. Os estudantes da Educação básica não são capazes de compreender o significado da aprendizagem e, a escola pouco contribui para aumentar o grau de letramento desses alunos.

Segundo Cafieiro (2005), as exigências da sociedade moderna têm apresentado para a escola, o desafio de formar cada vez melhor seus alunos, tem exigido que a escola contribua efetivamente para aumentar o grau de letramento dos alunos. Isto é, para torná-los cada vez mais capazes de usar a leitura e a escrita em suas práticas sociais e não somente escolares.

O ensino da leitura não pode se limitar a atividades desconectadas das concepções sobre o que significa ler, mas a de integrar e tornar o aluno capaz de usar a leitura e a escrita em suas práticas sociais. Precisa criar estratégias que possibilitem ao aluno compreender e usar textos no dia-a-dia, compreender os diversos textos que circulam na sociedade e participar ativa e criticamente da sociedade na qual está inserido. É necessário que o aluno não só entenda aquilo que é lido, mas também por meio da leitura, entenda sua condição no meio social, sua capacidade de modificá-lo por meio da leitura.

Kleiman (1993) em pesquisas realizadas junto a professores, afirma que, quando entendem a decodificação, não como uma etapa de leitura, todas as atividades que poderiam levar o aluno a se tornar um leitor competente, ficam comprometidas, visto que as atividades voltadas para o texto, se tornem atividades mecânicas que requerem somente que o aluno decodifique, identifique partes do texto, complete lacunas e, uma série de automatismos que exige que o aluno passe o olho pelo texto para identificar as respostas. Para a autora esse tipo de leitura não contribui para alterar a visão de mundo do aluno, nem tampouco o torna capaz de intervir na sociedade que é o objeto maior no ensino da leitura.

Essas práticas educativas promovem o distanciamento da busca para a compreensão da leitura atrelada a uma perversidade intrínseca da escola que são conseqüência de uma concepção vigente, que perdurou durante séculos até que os avanços teóricos se puseram em questão, afirmam Colomer e Camps (2002). Para elas, a escola contradiz com freqüência afirmações que entendem a leitura como a capacidade de entender um texto escrito. É muito comum ainda, na sociedade atual, encontrar escolas que priorizam métodos e materiais de leitura, que apresentam fragmentos de textos ou palavras soltas em função das letras que a compõe, estudarem letras isoladas e textos completamente sem sentido.

Hoje, é possível entender a complexidade da leitura, devido à capacidade do leitor em produzir sentidos, a partir das relações criadas entre as informações estabelecidas com o texto e seus conhecimentos.

Segundo Kleiman (1993), a leitura pode ser considerada uma atividade cognitiva e social. Como atividade cognitiva pressupõe que quando as pessoas lêem, executam uma série de operações mentais que vão além da decodificação e, como atividade social, a leitura pressupõe a interação entre um escritor e leitor. A

interatividade age como um diálogo entre texto e leitor, fazendo com que o processo de leitura construa e desconstrua determinadas concepções incutidas nos alunos.

Ao pensar a leitura desse modo, Cafieiro (2005) afirma que há grandes vantagens de se pensar no processo de leitura dessa forma, pois a partir daí, existem várias formas de aumentar a competência da leitura ao longo da vida. Não permitindo, portanto, que o ensino da leitura seja uma etapa pontual da alfabetização, mas que possibilite a criação de diferentes estratégias para ensinar o aluno a ler e compreender o que lêem, ou seja, formar leitores suficientemente competentes.

Diante de tais pesquisas e afirmações, faz-se necessário levar em consideração todo o progresso nesse campo para o ensino da leitura, já que ensinar a ler deve ser concebido como uma condição necessária, para que os alunos possam ampliar sua visão de mundo e ser inserido na sociedade.

A leitura não se qualifica apenas em ler um emaranhado de palavras, mas em entender aquilo que é lido nas mensagens contidas num texto, capazes de impactar o leitor e de fazê-lo pensar como um ser crítico e atuante na sociedade. A leitura também é uma forma de inserção, de se apoderar do conhecimento desenvolvendo-o, para romper e criar novos conceitos sobre o mundo e sobre si.

3. OBJETIVOS

3.1. OBJETIVO GERAL

Compreender a complexidade da leitura para criar estratégias e desenvolver capacidades para formar leitores competentes para que sejam inseridos na sociedade.

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Refletir sobre o conceito de leitura a partir de uma concepção que considere a cognição e a interação.
- Ensinar e transformar informações em conhecimento.
- Rever as atividades de ensino de leitura considerando o desenvolvimento de habilidades, atitudes e valores de um leitor competente.
- Proporcionar atividades que envolvam diferentes aspectos da compreensão leitora.

4. METODOLOGIA

O Plano de Ação desenvolvido teve como sujeitos alunos do 3º ano do 1º ciclo, que participam do Projeto de Intervenção Pedagógica implantado pela Prefeitura de Belo Horizonte, nas escolas da rede municipal.

São 26 alunos integrantes desse projeto, divididos em quatro grupos e que são atendidos durante 4 dias da semana com 1 hora para cada módulo/aula. Muitos estão no processo inicial de alfabetização e outros estão avançando na compreensão de textos.

A atividade escolhida para a aplicação do plano foi a pausa protocolada. Uma técnica de leitura que leva o aluno a fazer previsões, produzir inferências e levantar hipóteses a partir do texto lido pelo professor que, a cada pausa faz perguntas e conduz o aluno a antecipar a passagem seguinte, levando a diversas interpretações.

Quanto ao gênero escolhido, optou-se pela piada, devido a sua estrutura textual, uma pequena narrativa que se desenvolve e possibilita o leitor a fazer previsões e interpretações variadas. Talvez seja a maior ferramenta para se trabalhar a oralidade e a criatividade dos alunos, devido à proximidade das histórias através da linguagem e do enredo, um mecanismo não tido em outros gêneros.

Também foi levado em consideração o fato de alguns alunos possuírem habilidades em contar piadas para os colegas através dos conhecimentos trazidos de casa (ouvindo alguém da família contar). O trabalho desenvolvido na escola deve sempre ser realizado considerando o contexto social, a trajetória de vida de seus alunos, sem perder o foco dos objetivos traçados. Antes da aplicação dessa atividade, alguns alunos foram observados por professores da escola, proporcionando aos colegas, momentos de descontração e divertimento, reafirmando a vontade de colocar em prática o desenvolvimento dessa atividade.

Ao fazer a combinação da leitura desse gênero textual, com a pausa protocolada, foi possível proporcionar ao aluno condições de se conscientizar dessa estrutura, facilitando a produção textual, oral e escrita. Quanto mais se utiliza dessas práticas, mais habilidades poderão ser ampliadas.

4.1. MATERIAIS UTILIZADOS

Os materiais utilizados foram imagens para alunos com pouca autonomia, junto com texto recortado em partes soltas para montagem no quadro e caderno, cartolinas e papéis para avaliação individual de cada aluno, a ser distribuído no término da atividade e recolhido para avaliação final.

4.2. PROCEDIMENTOS DA AÇÃO

Com a participação dos alunos, várias piadas foram chegando para serem selecionadas. O critério para a escolha estava relacionado ao tamanho e a adequação do assunto ao conhecimento dos alunos com relação à leitura. A partir daí, foi possível começar a preparar os materiais e introduzir a atividade. A ansiedade e a curiosidade dos alunos antecederam a apresentação que teve a duração de 2 aulas.

Registro fotográfico (anexo, páginas 31,32,33 e 34).

Primeiro momento: Introdução da atividade

Explicação da atividade para os alunos. Dizer que o texto será lido por partes e ao final de cada parte, serão feitas perguntas para adivinhar o que acontecerá na passagem seguinte.

Segundo momento: Desenvolvimento da atividade

A leitura do texto foi feita em pausa com perguntas subseqüentes. Perguntas dirigidas a diferentes alunos sem se importar se as respostas estavam erradas. Nesse momento, foi possível instigar o aluno a fazer previsões e refletir sobre o motivo pelo qual não acertou, mostrando detalhes que não foram levados em consideração.

Terceiro momento: Conclusão da atividade oralmente

Após a montagem do texto ao final da apresentação, sem pausas, foi solicitado aos alunos que acompanhassem a leitura feita pela professora. Conversamos sobre o texto e foi proposto que alguns alunos recontassem a história.

Quarto momento: Trabalho em grupo

Foi proposta a tarefa de montar o texto no caderno, junto a outro colega, relacionando a imagem à parte escrita. Nesse momento o texto que havia sido montado para que todos pudessem visualizar, foi retirado do quadro. O trabalho foi feito com orientação e intervenção quando necessário.

4.3. REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE

Apresento abaixo a piada que foi selecionada para trabalhar com o recurso da pausa protocolada.

O PAPAGAIO DO NAVIO

Um dia o mágico foi se apresentar no navio. O capitão amou o truque e deixou o mágico ficar por lá mesmo, fazendo shows todas as noites. Só que o papagaio, a menina dos olhos do capitão, de tanto observar o mágico treinando, decifrou todos os truques, e começou a gritar os segredos no meio das apresentações:

- O coelho está ali, debaixo da mesa!
- A carta tá na outra manga dele!!
- O lenço tava no bolso!!!

E o mágico sentia mesmo era vontade de matar o tal bicho e colocar na panela, mas se fizesse isso tava desempregado. Até que um dia, o navio foi atingido por uma tempestade e afundou. Não sobreviveu ninguém, só o mágico e o danado do papagaio. E os dois se seguraram por três dias e três noites nas madeiras que restavam do navio.

Até que, no 4^o dia, o bicho falou:

- Tá bom, desisto. Onde é que você enfiou o navio?!

Perguntas feitas e respostas dos alunos:

1 - Um dia o mágico foi se apresentar no navio. O capitão amou o truque e deixou o mágico por lá mesmo, fazendo shows todas as noites.

Que tipo de mágicas faz um mágico? Quais mágicas vocês acham que o mágico fazia no navio?

ALUNOS - Tirar coelho da cartola, fazer desaparecer e partir pessoas, tirar água do jornal, fazer moeda aparecer na boca, truques com baralho.

No navio o mágico tirava coelho da cartola, fazia o pirata desaparecer, soprava fogo pela boca, pegava moeda e fazia aparecer atrás da orelha de alguém.

2 – Só que o papagaio, a menina dos olhos do capitão, de tanto observar o mágico treinando, decifrou todos os truques, e começou a gritar os segredos no meio das apresentações:

O que vocês acham que significa o trecho que diz que o papagaio era a menina dos olhos do capitão? Que segredos foram revelados pelo papagaio?

ALUNOS – O capitão ganhou o papagaio de uma menina, ele enxergava melhor quando via o animal, era seu bicho preferido, era de estimação, adorava o papagaio.

Segredos revelados: Cartola grande com fundo falso, buraco para esconder pirata, cartas escondidas na manga da camisa, cuspir álcool para sair fogo, tinha muitas moedas para fingir que só tinha uma, entre outras opiniões.

O que vocês acham que o papagaio começou a gritar?

ALUNOS – O mágico é um mentiroso, o coelho está escondido no fundo da cartola, o mágico é de araque, joga ele no mar, tem coisa escondida na manga dele...

3 - O Coelho está ali, debaixo da mesa!!

- A carta tá na outra manga dele!!

- O lenço tava no bolso!!!

Como vocês acham que o mágico se sentia quando o papagaio revelava para o público os seus truques?

ALUNOS – Sem graça, triste, nervoso, com vontade de estrangular o bicho, bater nele sem pena e sem dó, tirar todas as penas do papagaio e deixar com o bumbum de fora, matar e jogar no mar, furioso, mas com medo do capitão.

4 – E o mágico sentia mesmo era vontade de matar o tal bicho e colocar na panela, mas se fizesse isso ficava desempregado.

Por que ele ficaria desempregado se matasse o papagaio?

ALUNOS – Porque o mágico adorava o animal, era de estimação, fazia tudo que o capitão queria, não gostava que ninguém maltratasse o bichinho, gostava muito do papagaio e era a menina dos olhos do capitão.

5 – Até que um dia, o navio foi atingido por uma tempestade e afundou.

O que vocês acham que aconteceu com os tripulantes do navio? Será que sobreviveu alguém?

ALUNOS - Morreu todo mundo, as pessoas se afogaram, sobrou um pouquinho de gente, o mágico ficou vivo e aproveitou que o capitão morreu e afogou o papagaio, o bicho sobreviveu porque tinha asas e voou, o papagaio gritou e pediu para o mágico fazer uma mágica para não deixar o navio afundar, prometeu não contar os segredos do mágico se ele fizesse mágica de verdade...

6 – Não sobreviveu ninguém, só o mágico e o danado do papagaio. E os dois se seguraram por três dias e três noites nas madeiras que restavam do navio.

O que vocês acham que aconteceu com eles?

ALUNOS – Ficaram amigos e se salvaram, foram nadando até uma ilha, juntaram as madeiras e construíram um barco, foram salvos por outro navio, o tubarão apareceu e comeu os dois, ficaram com muita sede e fome e morreram.

7 – Até que, no 4º dia, o bicho falou:

- Tá bom, desisto. Onde é que você enfiou o navio?

Por que o papagaio disse “desisto”? Ele desiste de quê?

ALUNOS – Desiste de viver, de incomodar o mágico, de ficar contando pra todo mundo como ele faz os truques, desiste de esperar que ele faça uma mágica, de achar que ele não é mágico de verdade, de contar os segredos, de desconfiar das suas mágicas.

4. 4. RESULTADO DA AÇÃO

A realização da atividade favoreceu a curiosidade dos alunos, proporcionou o levantamento de hipóteses e permitiu que fossem feitas previsões sobre o que iria acontecer em seguida.

Além disso, os alunos foram levados a perceber que ao quebrar o que estava sendo previsto, a surpresa provocou risos e descontração naqueles que compreenderam o desfecho da história.

Houve interação entre as crianças, porque aqueles que não conseguiram compreender foram levados ao entendimento pelos colegas mais perspicazes que estavam mais acostumados a esse tipo de texto. Houve descontração, divertimento e companheirismo ao fazerem a montagem do texto em duplas.

A atividade contribuiu na oralidade dos alunos. Alguns se manifestaram e solicitaram um tempo para contar as que sabiam de cor. Porém foi necessário orientá-los sobre o tipo de piada a ser contada, pois muitos tinham acesso a algumas que não estavam adequadas ao contexto escolar.

4. 5. AVALIAÇÃO DA AÇÃO

A avaliação foi feita em cada grupo oralmente e coletivamente. Também foi proposto que fizessem uma avaliação individual, em que cada aluno tentasse escrever, em poucas palavras, o que achou da atividade desenvolvida.

5. CONCLUSÃO

Os números e a realidade revelam que, os desafios da Educação com relação à leitura e à escrita têm sido muito acentuados e não está sendo fácil superá-los.

A compreensão da leitura atualmente é considerada um dos grandes problemas que afetam não apenas a Língua Portuguesa, mas em geral todas as áreas e setores. A inquietação para encontrar soluções e respostas gera uma grande ressonância social.

Um dos cruciais problemas da leitura parece emergir das práticas tradicionais adotadas pela escola, que condicionam o desempenho do aluno, tornando a leitura um dos problemas mais sérios no contexto social.

O tratamento dado ao texto em sala de aula restringe-se a execução de tarefas repetitivas e desmotivadoras. O aluno continua sendo enquadrado ao modelo padronizado que, não apresenta nenhuma variedade para o trabalho com o texto, sem nenhum estímulo para um trabalho mental mais elaborado.

É preciso elaborar uma visão compreensiva do ensino de leitura na escola que incorpore tanto as atividades mais globais com atividades específicas de leitura, com o objetivo de conseguir um resultado que não seja um trabalho desconectado da sociedade letrada.

As articulações devem superar as tradicionais dicotomias do ensino da leitura que se opuseram, reduziram e desvirtuaram a complexidade das relações entre ler para aprender, decifrar e compreender. Essa integração deve revelar um modelo de ensino que ajude os alunos a avançarem na competência leitora.

O ensino da leitura deve possibilitar ao aluno sentir-se parte do processo, sentir-se sujeito transformador. Para conceber a leitura de fato como uma atividade além da decodificação, é necessário concebê-la como interação entre texto e leitor.

Faz-se necessário compreender em que consiste o ato de ler. Planejar, buscar, criar novas e diferentes estratégias para aproximar o leitor do texto. É preciso descobrir caminhos que levem a apropriação do texto para desenvolver competências e habilidades de leitura.

A aversão à leitura pode também ter origem no professor, que independentemente de sua vontade, mas por não possuir base teórica sobre o assunto torna o ato de ler uma atividade mecânica que parece não ter nenhuma ligação com a escola, quando deveria ser exatamente o contrário.

Saber ler e escrever são capacidades indispensáveis para que o indivíduo se integre a sociedade. Cada atividade de leitura envolve objetivos diferentes, pois ela tem uso social. Faz-se necessário promover ações que desenvolvam habilidades e atitudes para formar leitores competentes.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAFIEIRO, Delaine. **Leitura como Processo**: Caderno do formador. Belo Horizonte: CEALE/FAE/UFMG, 2005.

CEALE, Caderno 6 – **Planejamento da Alfabetização: Capacidades e atividades**. Belo Horizonte, MG – CEALE/FAE/UFMG, 2006.

COLOMER, Teresa e CAMPS, Anna. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Porto Alegre, Artmed, 2002.

FOUCAMBERT, J. **A Leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, Paulo e MACEDO, Donaldo. Alfabetização: **Leitura de mundo e leitura da palavra**. Paz e Terra, 1982.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes e Edunicamp, 1989.

_____. **Oficina de leitura**: Teoria e prática. Campinas: Pontes, 1989.

_____. **Leitura: Ensino e pesquisa**. Campinas: Pontes e Edunicamps, 1989.

NUNES, M. B – **O professor em sala de aula de leitura: Desafios, opções, pontos, encontros e desencontros**. Dissertação. PUC, São Paulo, 2002

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: **Língua Portuguesa**. Brasília, MEC/SEF, 1997

ROJO, Roxane. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE, CENP, 2004.

SOARES, M.B. **Letramento – Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 1998.

_____. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2007.

ZORZI, J.L. **Aprender a ler e escrever: Indo além dos métodos**. Petrópolis, Vozes, 2005.

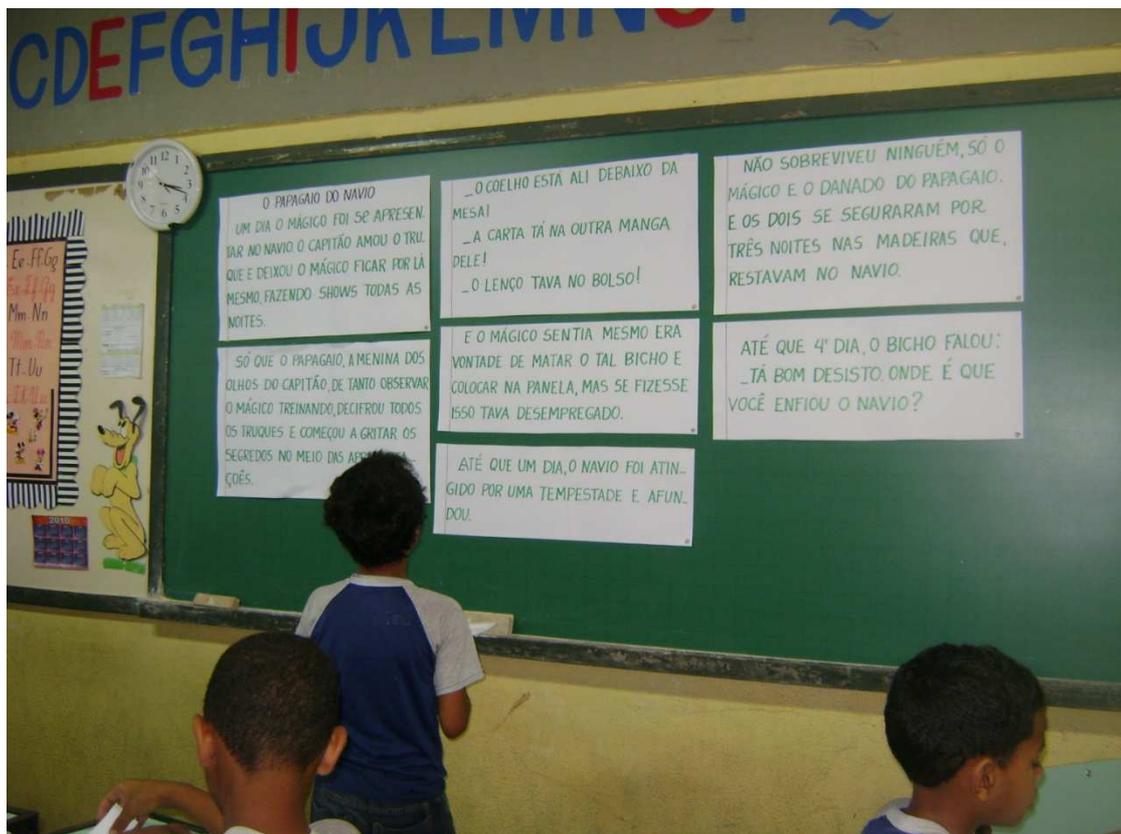
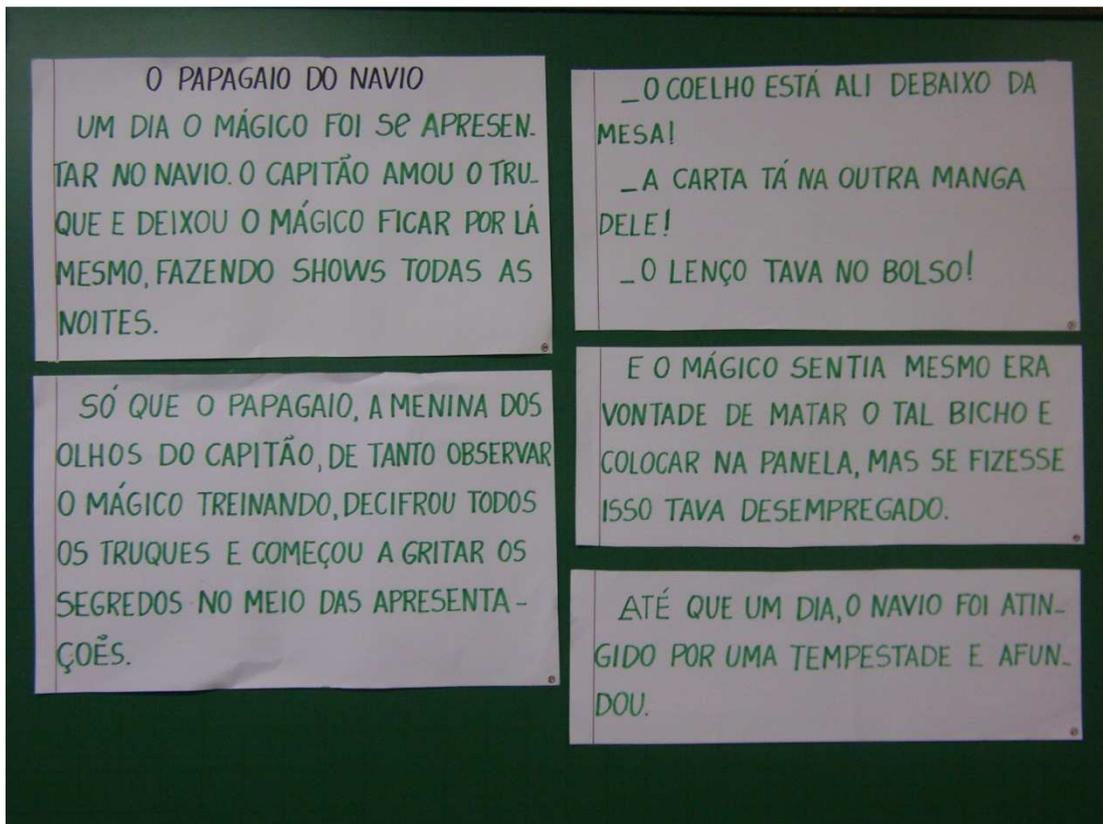
ANEXOS

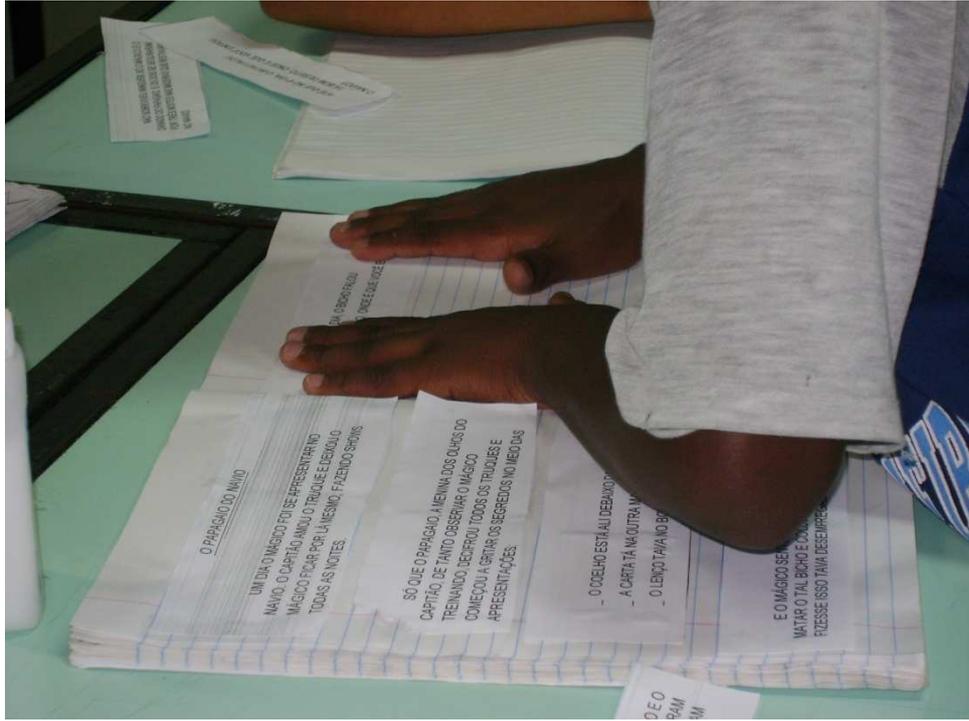


O PAPAGAIO DO NAVIO
UM DIA O MÁGICO FOI SE APRESEN-
TAR NO NAVIO. O CAPITÃO AMOU O TRU-
QUE E DEIXOU O MÁGICO FICAR POR LÁ
MESMO, FAZENDO SHOWS TODAS AS
NOITES.

SÓ QUE O PAPAGAIO, A MENINA DOS
OLHOS DO CAPITÃO, DE TANTO OBSERVAR
O MÁGICO TREINANDO, DECIFROU TODOS
OS TRUQUES E COMEÇOU A GRITAR OS
SEGREDOS NO MEIO DAS APRESENTA-
ÇÕES.

- _ O COELHO ESTÁ ALI DEBAIXO DA MESA!
- _ A CARTA TÁ NA OUTRA MANGA DELE!
- _ O LENÇO TAVA NO BOLSO!







O PAPAGAIO DO NAVIO
UM DIA O MÁGICO FOI SE APRESEN-
TAR NO NAVIO. O CAPITÃO AMOU O TRU-
QUE E DEIXOU O MÁGICO FICAR POR LÁ
MESMO, FAZENDO SHOWS TODAS AS
NOITES.

SÓ QUE O PAPAGAIO, A MENINA DOS
OLHOS DO CAPITÃO, DE TANTO OBSERVAR
O MÁGICO TREINANDO, DECIFROU TODOS
OS TRUQUES E COMEÇOU A GRITAR OS
SEGREDOS NO MEIO DAS APRESENTA-
ÇÕES.

_ O COELHO ESTÁ ALI DEBAIXO DA
MESA!
_ A CARTA TÁ NA OUTRA MANGA
DELE!
_ O LENÇO TAVA NO BOLSO!

E O MÁGICO SENTIA MESMO ERA
VONTADE DE MATAR O TAL BICHO E
COLOCAR NA PANELA, MAS SE FIZESSE
ISSO TAVA DESEMPREGADO.

ATÉ QUE UM DIA, O NAVIO FOI ATIN-
GIDO POR UMA TEMPESTADE E AFUN-
DOU.

NÃO SOBREVIVEU NINGUÉM, SÓ O
MÁGICO E O DANADO DO PAPAGAIO.
E OS DOIS SE SEGURARAM POR
TRÊS NOITES NAS MADEIRAS QUE,
RESTAVAM NO NAVIO.

ATÉ QUE NO 4º DIA, O BICHO FALOU:
_ TÁ BOM DESISTO. ONDE É QUE
VOCÊ ENFIU O NAVIO?